

DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS DE SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA FÁBRICA DE CERÂMICA DAS DEVESAS

DEFINITION OF CRITERIA FOR THE PRESERVATION AND VALORIZATION OF DEVESAS' CERAMIC FACTORY

Mariana Alves da Silva

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Joaquim Lopes Teixeira

C. E. A. U., Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Luís Mariz Ferreira

Unidade de Investigação GeoBioTec da Universidade de Aveiro

Resumo

Este artigo apresenta um trabalho académico de investigação em curso, que tem por objectivo definir uma estratégia arquitectónica de intervenção para a Fábrica Cerâmica das Devesas, conducente à sua salvaguarda e valorização. A metodologia proposta consiste no desenvolvimento de um estudo orientado em quatro linhas de desenvolvimento: i) caracterização do estado de conservação do existente, incluindo a sua contextualização histórica; ii) discussão dos critérios de definição dos elementos de valor existentes na legislação portuguesa e sua aplicação ao contexto do património industrial e em particular ao caso de estudo, incluindo a identificação de elementos de valor materiais e imateriais; iii) análise e discussão de casos de estudo, nacionais e internacionais, seleccionados a partir de critérios que possam ser replicáveis no edifício alvo; iv) Definição de critérios de intervenção conducentes ao estabelecimento da melhor estratégia de actuação para a salvaguarda e valorização do que resta da antiga Fábrica Cerâmica das Devesas.

Palavras-chave: Indústria Cerâmica; Salvaguarda; Reabilitação; Património Industrial; Vila Nova de Gaia.

Abstract

The present article is extracted from an ongoing investigation that aims to define an architectural intervention strategy for the Devesas' Ceramic Factory, leading to its protection and enhancement. The proposed methodology consists on the development of a study focused in four main lines: i) characterization of the its preservation status of the existing, including its historical context; ii) discussion of the definition criteria of the value elements existing in the Portuguese legislation and its application in the context of industrial heritage and in particular to the case study, including the identification of elements of tangible and intangible value; iii) analysis and discussion of case studies , national and international , selected from criteria that can be useful for the particular case study; iv) definition of intervention criteria leading to the establishment of best operational strategy for the protection and enhancement of the remains of the Devesas' Ceramic Factory.

Key words: Ceramic Industry; Protection; Rehabilitation; Industrial heritage; Vila Nova de Gaia;

1. Contextualização histórica

De acordo com (Correia, 2009: 37), a pequena fábrica pertencente a António Almeida da Costa, foi fundada em 1865, junto aos terrenos da Quinta das Devesas, muito embora o respectivo licenciamento só tenha sido solicitado em 1870 (Queirós, 2004).

Numa primeira fase, esta fábrica terá funcionado apenas como “extensão” da oficina de cantaria do seu fundador, na forma de sociedade, juntamente com Breda e Teixeira Lopes (Queirós, 2004).

A implantação da fábrica nas Devesas é sequente à chegada do caminho-de-ferro a Vila Nova de Gaia (em 1864) e foi crucial para o desenvolvimento da fábrica, sendo de referir que o primeiro núcleo fabril, localizado a Norte, se implantou junto da linha, o que permitiu a construção de um ramal privado, possibilitando assim o acesso facilitado das matérias-primas, bem como o escoamento da produção, constituindo uma inovação industrial para a época.

As novas instalações revelavam já algumas características que irão marcar as unidades industriais do terceiro quartel do século XIX e que resultam numa crescente preocupação para com os novos recursos energéticos, por novos modelos organizacionais do espaço fabril; do respeito pelas exigências de salubridade; e ainda pela proximidade aos meios de transporte mais eficazes. Tratam-se de fábricas construídas de raiz, de concepção horizontal, com espaços de trabalho amplos, favoráveis à mecanização e à gradual automatização de funções; cuja influência chega a alargar-se aos espaços envolventes através da promoção dos seus próprios bairros sociais (Soeiro, 1995: 215). A fábrica das Devesas foi a primeira a ser construída de raiz, as restantes fábricas que laboravam na cidade estavam instaladas em edifícios de habitação (Fábrica de Miragaia) e antigos conventos (Fábrica do Senhor d’Álem), por exemplo, com organização produtiva na vertical, em andares. Na primeira fase as áreas de trabalho eram restritas e, pelo aumento das solicitações, a sociedade sentiu a necessidade de aumentar as áreas de trabalho, armazenamento e de produção, sendo que não terminada a primeira década de produção (1870) a fábrica sofreu um alargamento para terrenos contíguos e ainda para Sul.

A partir da década de 80, António Almeida da Costa cria a seção de fundição no seu complexo fabril, tornando-se no único industrial do Porto com capacidade para executar obras completas de construção com acessórios inteiramente produzidos nas suas oficinas (Queirós, 2004).

Segundo (Soeiro, 1995: 215), a grande novidade deste tipo de fábricas, surgidas a partir de meados do século XIX, foi a opção por segmentos de mercado especializados e susceptíveis de produção em série, tendo o mercado da construção civil constituído o grande impulso ao seu crescimento, em muito sustentado na rápida expansão das cidades, em que a título de exemplo a cidade do Porto duplica de população entre 1850 e 1900, por força da necessidade de

mão-de-obra para a indústria e comércio mas a oferta de habitação não acompanha este crescimento de modo proporcional. Este facto é justificado pelos poucos recursos dos emigrantes que afluem à cidade. As habitações que ocuparam, principalmente no centro, eram as mais antigas, muitas vezes em regime de alternância. Outra opção era alojarem-se na periferia do centro desenvolvendo-se o fenómeno denominado “ilhas” que constituem grupos contíguos de pequenas habitações com pouco espaço e baixo índice de salubridade (Mariz, 2014:171).

A fábrica de Almeida da Costa torna-se assim no melhor exemplo de uma grande unidade fabril ligada à produção de telha, tijolo, canalizações, e materiais decorativos para a construção civil, constituindo-se ainda modelo de referência para outras unidades fabris, tais como a cerâmica do Fôjo (demolida em Fevereiro de 2014) e, mais tarde, a de Valadares.

A companhia no início da década de 1880 funda uma sucursal na Pampilhosa do Botão, igualmente localizada junto à linha férrea, com o intuito de subministrar matérias-primas (barro) à unidade mãe.

Na transição dos séculos XIX para o XX a fábrica cerâmica das Devesas, já conhecida por «*Fábrica do Costa*», atravessava um período de auge, empregando cerca de seiscentos trabalhadores. É ainda no início do século XX que António Almeida da Costa constrói a sua própria casa, um palacete neo-árabe demonstrativo do estatuto capitalista do proprietário, cuja localização a uma cota superior permitia uma visão privilegiada sobre todo o complexo fabril (DRCN, 2012).

De acordo com (Queirós, 2004), todas as oficinas do seu complexo promoviam-se mutuamente, funcionando como uma concentração horizontal – uma das primeiras e das maiores que alguma vez existiu em Portugal nas artes industriais. O grande mérito da fábrica não se ficou a dever apenas à estratégia de concentração empresarial, mas também à associação entre a arte e a indústria; à habilidade empresarial; à qualidade do equipamento industrial e ao aproveitamento do caminho-de-ferro; que levaram ao destaque e sucesso desta unidade fabril, a nível nacional e até internacional. Ainda segundo os mesmos autores, a qualidade de produção era para António Almeida da Costa um factor fundamental, o que o levava a contratar mestres de elevada competência artística e de excelente capacidade técnica e a investir na formação dos seus empregados. Este investimento está manifesto na fundação, participação e no acolhimento provisório de uma escola de desenho e modelação, em 1883. A iniciativa partiu da reunião de esforços de um conjunto de industriais cerâmicos e funcionará autonomamente, em instalações próprias, no ano de 1887 (Domingues, 2009: 139). Mas o trabalho assenta na experiência de uma equipa de mestres constituída por um diretor artístico (e sócio) José Joaquim Teixeira Lopes formado na Escola Industrial do Porto e que tinha obtido uma bolsa para estudar em Paris; por um “mestre machinista” que tinha estudado no

Instituto Industrial do Porto; e por um mestre cerâmico, João José Manuel da Fonseca, antigo funcionário da empresa Vista Alegre.

A versatilidade e a polivalência foram duas das características essenciais para o sucesso da fábrica. Os modelos eram bons e variados, fabricando-se qualquer tipo de peça, sempre adaptadas ao gosto dos clientes (Queirós, 2004).

Os catálogos e a presença em exposições nacionais e internacionais contribuíam para a divulgação e reconhecimento da fábrica e da sua produção, chegando a obter várias medalhas e elogios, nomeadamente uma medalha de prata na célebre Exposição Universal de Paris, em 1900.

Contudo, o espaço fabril acumulava à função produtiva função comercial, registando-se, nas áreas interiores de acesso público e nas fachadas, mostruário dos produtos da fábrica, constituindo o muro-mostruário um marco característico (Figura 1 e Figura 2). Em 1899, é construído um magnífico edifício neo-árabe, na actual Rua José Falcão, no Porto, destinado ao depósito e exposição de produtos (Queirós e Portela, 2004).



Figura 1. Muro-mostruário da Fábrica de Cerâmica das Devesas.

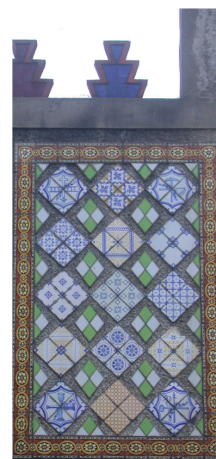


Figura 2. Pormenor.

A fábrica que protagonizou a ponte entre as cerâmica artística e industrial, em muito assente no trabalho de Teixeira Lopes enquanto mestre artístico e na capacidade de gestão de António Costa, transformou-se em poucos anos, num dos complexos cerâmicos mais bem-sucedidos de toda a Península Ibérica, assumindo-se como arquétipo da concentração empresarial consagrada às denominadas “artes industriais” (Queirós, 2004; DRCN, 2012: 9).

Contudo, em 1903, inicia o seu declínio devido a alterações na sociedade comercial, a que se sucedem uma série de acontecimentos identificados por (Correia, 2009: 47), designadamente, o abandono da sociedade por Teixeira Lopes, 1909, obrigando à entrada de novos administradores; um incêndio, ocorrido em 1913, que destrói parcialmente a fábrica; e a morte de Almeida da Costa, em 1915. Estes factos levam ao fecho provisório da unidade entre 1915 e 1920

o que levou à abertura de outras unidades mais pequenas como a Fábrica de Valadares. Em 1920 é realizada uma nova escritura com novos sócios e estatutos, passando a fábrica a designar-se por «*Companhia Cerâmica das Devesas*», e procedeu-se a obras de remodelação e electrificação de vários dos seus edifícios. Devido a vantagens económicas, nova a companhia privilegiou as Instalações da Pampilhosa para a produção de produtos para a construção (telha e tijolo), transferindo alguma maquinaria para esse espaço (Correia, 2009).

Em 1955, a fábrica das Devesas produzia essencialmente tijolo refractário e artigos sanitários em grés, tendo reduzido substancialmente o azulejo e louça sanitária em faiança, observando-se um abandono de algumas áreas do complexo industrial, que já se encontravam em processo de degradação ou tinham mesmo sido demolidas por motivos de segurança, face ao avançado estado de ruína (DRCN, 2012).

Este processo de decadência e degradação durou até aos finais da década de 80 do século passado, data em que a *Companhia Cerâmica das Devesas* acabou por encerrar (Correia, 2009).

Nas figuras seguintes apresenta-se a implantação da fábrica no contexto da região (Figura 3) e a evolução dos espaços sob administração da sociedade (Figura 4). São identificados quatro momentos relevantes e que definem a evolução do complexo industrial desde a data de implantação: planta 1, 1865, núcleo original; planta 2, 1867/1868, ocorre a expansão dos terrenos para o segundo núcleo de produção, a sul; planta 3, 1877, incorporação do ramal ferroviário; planta 4, 1920, construção de todas as dependências sociais.



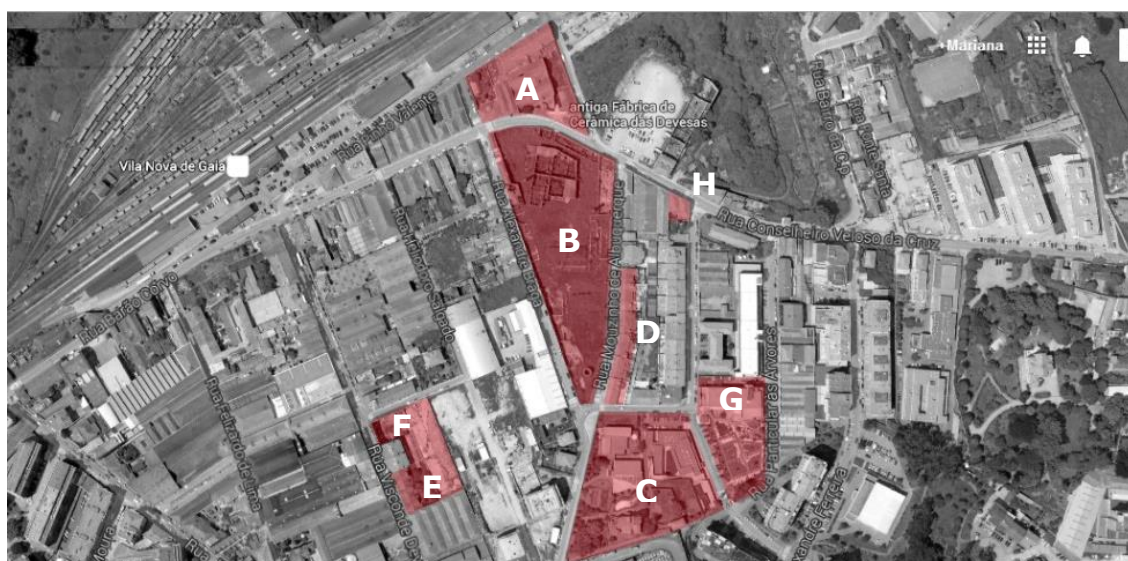
Figura 3. Mapa de localização da fábrica. Fonte: Google maps.



Antes da morte de António Almeida da Costa e perante o sucesso da fábrica registado na viragem do século XIX para o século XX, o fundador investe na construção de dependências sociais fora do complexo para usufruto dos seus trabalhadores.

2. Caracterização sumária do edificado do complexo da Fábrica Cerâmica das Devesas

Com base nos elementos históricos e atuais, apresenta-se uma síntese das funções para cada um dos espaços associados à Fábrica das Devesas (Figura 5).



Com base nos dados históricos conhecidos é possível assinalar:

A. Núcleo Fabril 1 (a norte). Núcleo inicial da fábrica constituído por oficinas, armazéns, escritórios e funcionou aqui provisoriamente a escola de desenho e de modelação. Atualmente funciona: i) armazéns ocupados, em regime de aluguer, por uma oficina de automóveis (Companhia Cerâmica das Devesas); iii) armazéns, escritórios desocupados (Companhia Cerâmica das Devesas).

- B. Núcleo Fabril 2 (a sul). Segundo núcleo da fábrica associados ao armazenamento de matérias-primas e de produtos, oficina de produção e muro mostruário. Atualmente não apresenta edificações, em 2002/3 foram efetuadas sondagens arqueológicas e há um loteamento aprovado para esta área (imobiliária Gaideve).
- C. Casa de António Almeida da Costa/Palacete, pertence à Misericórdia de Vila Nova de Gaia e encontra-se ocupada com uma valência deste organismo.
- D. Bairro Operário. Bairro. Atualmente mantem as mesmas funções em regime de aluguer (Misericórdia de Vila Nova de Gaia).
- E. Casa dos Funcionários da Fábrica/ Bairro dos Contramestres.
- F. Bairro. Atualmente mantem as mesmas funções em regime de aluguer (Misericórdia de Vila Nova de Gaia).
- G. Creche Emília de Jesus Costa. Antiga creche da fábrica. Atualmente é uma ruína, mantendo-se apenas a fachada (Misericórdia de Vila Nova de Gaia).
- H. Asilo António Almeida da Costa. Antigo asilo, foi intervencionado conversão em lar de idosos (Misericórdia de Vila Nova de Gaia).

3. Caracterização do estado de conservação do existente

O encerramento do complexo fabril, desde finais da década de 80, tem resultado na progressiva degradação das estruturas arquitectónicas existentes, assim como no furto do espólio remanescente (Figura 6).



Figura 6. Planta com estado de conservação do existente. Planta base: Gaiaurb.

A presente caracterização do estado de conservação dos edifícios e do seu grau de alteração funcional e material baseia-se na observação nas imediações do local, sem o acesso ao interior dos

edifícios, devido ao estado avançado de ruína das estruturas existentes (Figura 7).



Figura 7. Vistas parciais do diferentes núcleos.

O núcleo fabril 1, localizado a norte, apresenta os edifícios em razoável estado de conservação, (ref. B), visto ainda se manterem em funções (a oficina de automóveis e armazéns), apesar de, recentemente, uma parte do seu edificado sem actividade ter ruído,

(ref. A), representando os escombros um sério risco para a segurança pública. Os dois pavilhões centrais (figura A), correspondentes à zona de produção, visto terem as chaminés integradas no edifício, foram demolidos. O antigo edifício de escritórios da fábrica também ruiu na parte do telhado (ref. C). Apenas a entrada principal, (ref. B), e o edifício mais a norte (fachada para a rua Pinho Valente – ref. F) se encontram de pé.

O núcleo fabril 2, localizado a sul, encontra-se em avançado estado de ruína, (ref. G e H), persistindo apenas as duas chaminés, o muro mostruário e uma parte correspondente aos edifícios que terão servido de zona de produção e de armazenagem. Esta informação baseia-se na interpretação da planta de 1938).

Os edifícios pertencentes à Misericórdia encontram-se em bom estado de conservação, (Figura 5: C,D,F,G,H), dado que esta entidade se ocupa da sua manutenção.

O bairro operário encontra-se habitado e por isso em bom estado de conservação, muito embora algumas casas tenham sofrido intervenções no seu exterior. A banda de casas, que na sua globalidade define uma das frentes urbanas da Rua Mouzinho de Albuquerque, assume-se como um conjunto habitacional coerente, decorrente do dimensionamento dos lotes e da utilização do azulejo da fábrica, o que lhe confere uma espécie de «*imagem de marca*» do complexo (DRCN, 2012: 11).

A casa Almeida da Costa (figura 5), situada a uma cota mais elevada em relação aos restantes núcleos da fábrica, foi construída adoptando o estilo neo-árabe, reflectindo o gosto do seu proprietário. Em termos volumétricos e de desenvolvimento em planta, o palacete faz lembrar as igrejas mudéjares. Actualmente pertencente à Misericórdia de Vila Nova de Gaia, encontra-se ocupada com algumas valências deste organismo (DRCN 2012:12).

O Antigo Asilo (figura 5- G.) foi adaptado a Lar da 3ª. Idade, tendo por isso sofrido alterações profundas. A estrutura foi ampliada através de um novo corpo adjacente, destinado a servir as necessidades deste equipamento social. As intervenções efectuadas mantiveram, porém, a fachada principal revestida com azulejos da fábrica (DRCN, 2012: 12).

A Creche Emília de Jesus Costa (figura 5 - F), encontra-se em avançado estado de degradação, observando-se o desmoronamento de todo o seu interior e a existência de uma estrutura de segurança no escoramento das fachadas.

A casa dos contramestres (figura 5 – E) encontra-se igualmente em avançado estado de ruína.

4. Casos de Estudo

Foi analisado um conjunto de construções fabris que pela evolução, obsolescência dos próprios edifícios, dos processos tecnológicos ou de gestão levou ao seu encerramento e motivado pela localização,

qualidade arquitetónica ou forte identificação dos imóveis com a população local conduziu à sua reutilização funcional.

4.1. Casos nacionais

Registam-se algumas tipologias nas adaptações de antigos edifícios industriais:

1) Espaços multiculturais ligados às indústrias criativas

A título de exemplo regista-se que o caso da LX Factory (antiga fiação fundada em 1846, Lisboa), Fábrica de Santo Thyrso (antiga Fiação fundada em 1898, Santo Tirso) e Oliva Creative Factory (antiga fábrica de produtos metalúrgicos, 1925, São João da Madeira).

No caso da LX Factory o antigo edifício foi convertido em incubadora de empresas na área das indústrias criativas, contando com espaços amplos polivalentes com capacidade de albergar eventos distintos. No caso de Santo Tirso regista-se um programa composto por várias valências – incubadora de moda, design e indústrias tecnológicas, formação, centro interpretativo e espaço cultural polivalente (concertos, teatro exposições, entre outros). Em São João da Madeira o antigo espaço alberga hoje uma incubadora relacionada com as indústrias criativas e um centro de negócios (Figura 8). Nos casos analisados foi principal objetivo preconizar uma limpeza do espaço e adaptar os imóveis às novas funções, registando-se memórias associadas à história do edifício, com particular evidência no caso de Santo Tirso.

2) Parque empresarial

Em Vila Nova de Gaia, em um espaço de uma antiga empresa cerâmica - Electro-Cerâmica – ocorreu a transformação de uso dos antigos edifícios em espaços para novas empresas, estando atualmente sob gestão da Candal Parque Sociedade Imobiliária. Este programa permitiu a salvaguarda e conservação de estruturas dando-lhe uma nova função, preservando o património histórico construído e integrando novos pavilhões. Ao contrário dos exemplos anteriores, esta sociedade imobiliária é privada (Figura 9).

3) Usos públicos

Por motivos diversos, a gestão de espaços industriais abandonados induziu que diversas autarquias assumissem políticas públicas de ordenamento, reconversão e gestão. São exemplos o caso da antiga Fábrica de Cerâmica de Jerónimo Pereira Campos & Filhos (fundada em 1896), em Aveiro, que foi reconvertida pela autarquia em Centro Cultural e de Congressos (CCC) e constitui um novo centro cívico da cidade (Figura 10).

A Empresa Industrial de Ermesinde (Figura 11), mesmo em ruínas, foi convertida em fórum cultural, dando-se a reapropriação da antiga fábrica de cerâmica, também conhecida com Fábrica da telha, em galeria de arte (Figura 12).

Outro exemplo é o edifício da antiga Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre que foi instalada por Marquês de Pombal corria o ano de 1872 no antigo Colégio jesuíta de S. Sebastião, edifício de inícios do século XVII, foi convertido em Paços do Concelho, por representar um importante conjunto para a identidade da cidade (Figura 13).



Figura 8. Oliva Creative Factory, edifício principal. Fonte: www.cm-sjm.pt



Figura 9. Candal Parque, edifício principal. Fonte: www.candalparque.pt



Figura 10. CCC Aveiro. Fonte: www.cm-aveiro.pt



Figura 11. Empresa Industrial de Ermesinde. Fonte: monumentosdesaparecidos.blogspot.pt



Figura 12. Forum Cultural de Ermesinde. Fonte: www.cm-valongo.pt



Figura 13. Paços do Conselho de Portalegre. Fonte: www.cm-portalegre.pt

4.2. Casos internacionais

Constitui uma referência paradigmática a intervenção de Lina Bo Bardi no Centro Cultural SESC de Pompéia, São Paulo, corria o ano de 1977. Representa uma inovação na forma de intervir, dado que mantém as estruturas industriais originais (Fábrica de Tambores) e constrói novos edifícios com forte carácter, perfeitamente integrados no ambiente industrial do terreno.

No conjunto de casos internacionais atuais elencam-se alguns exemplos estudados por (Carvalho, 2009: 135-178):

- Antigo armazém de açúcar, convertido em centro de cultura e espetáculos Melkweg (Amesterdão);
- Antigo grande quartel militar em Liubliana (1888), Metelkova, atualmente convertido numa zona cultural (parte norte ocupada por artistas e preservado o património histórico; parte sul ocupada pelo ministério da cultura para museus e escritórios sem preocupação pelo património do local);
- Antiga Fábrica de comboios, Werkstaten Und Kulturhaus (WUK), Viena, ocupada pela associação WUK que tem como objectivos o desenvolvimento cultural como também social de todo o tipo de pessoas;
- Antigo grande complexo industrial, Westergasfabriek, Amesterdão, convertido num local para fins culturais;
- Antiga fábrica de cabos da Finlândia, Kaapelitehdas – Helsínquia, atualmente reúne artistas, empresas, museus e até uma escola de dança; neste caso, herança industrial preservada até ao pormenor (numa das casas de banho existe um grande painel electrónico com um sistema de regulação);
- Antiga fábrica de Tabaco, Friche Belle de Mai, Marselha, atualmente centro cultural;
- Antiga Battersea Power Station, Londres, atualmente complexo habitacional homónimo.

No conjunto de casos internacionais referidos anteriormente, em termos de programas funcionais, a grande parte dos espaços é utilizado para atividades culturais, contendo museus, galerias de exposições, teatros, salas de espetáculos e todas as dependências associadas a este tipo de funções.

Apenas um dos casos estudados está a ser convertido num complexo habitacional, caso de Battersea Power Station em South West London. Segundo (Custódio, 1999), esta tendência para que estes complexos tenham exclusivamente uma utilização cultural torna o retorno ainda menos rentável para o investidor. Acredita que estas apostas recorrentes devem-se a uma falta de maturidade no pensamento dos arquitetos, urbanistas e técnicos do património. Explica que em países mais sensibilizados para esta matéria, como Inglaterra, os edifícios estão praticamente todos protegidos, mesmo que o seu objectivo não seja desempenhar funções culturais. Alguns têm mesmo funções sociais: escolas, bairros habitacionais, etc. Mas

há também um motivo para a maioria dos edifícios terem sido transformados em museus, é que se trata da forma que permite conservar estruturas in situ.

A análise a alguns casos selecionados e tratados em (Carvalho, 2009), - Melkweg – Amesterdão, Holanda; Metelkova, Werkstaten Und Kulturhaus, Viena; - permitiu constatar que a sua reabilitação não foi primeiramente manifestada pelos organismos públicos, tendo antes partido da iniciativa de grupos de jovens, de ativistas, de artistas e intelectuais que ocuparam os espaços, um pouco à revelia, como forma de impedir a demolição destas estruturas que consideram fazer parte da sua identidade enquanto história de um povo. Encontram nestes espaços um refúgio, um palco para fazer e divulgar as suas artes, interesses, etc. Estas tomadas de posse nem sempre são pacíficas, dando lugar, em alguns casos, a desavenças com as autoridades que podem até contribuir para uma destruição de alguma parte dos edifícios. No entanto, na maior parte dos casos, perante o sucesso das atividades desenvolvidas por este tipo de grupos (não organizados), surge o interesse dos organismos públicos em explorar estes projetos e investem, dão incentivos, no sentido de

criar uma empresa organizada, sem perder o carácter artístico e espontâneo da atividade inicial.

É de interesse referir que nos casos nacional (LxFactory) e internacional (Westergasfabriek) a intervenção teve um carácter provisório.

5. Valores patrimoniais

A lei de base do património (Lei 107/2001: art. 2 n.º 3) define que o interesse cultural relevante está assente em aspetos históricos, paleontológicos, arqueológicos, arquitetónicos, linguísticos, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico e devem refletir valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. Tendo como ponto de referência o conjunto em estudo podem ser elencados interesses associados ao conjunto das Devesas (unidade produtiva e edifícios sociais) - histórico, arquitetónico, documental; artístico; industrial e social - e valores conectados à memória, exemplaridade e singularidade.

Em primeiro lugar, analisando o conjunto industrial regista-se um complexo de grandes dimensões, singular para a época, que alberga um conjunto de estruturas destinadas à produção de materiais de construção (elementos construtivos e decorativos) e de peças de mesa (louça) que marcam uma época específica – 1ª fase da Revolução Industrial – interessante quer pela singularidade e exemplaridade que representa. Desde finais do XVIII até ao início do século XX foram mais de trinta unidades instaladas na região (baixo Douro) que estavam ligadas à produção cerâmica e marcaram a paisagem urbana de Vila Nova de Gaia. Os fornos são, pelas suas

características intrínsecas, os elementos mais fortes das unidades cerâmicas, havendo o registo da preservação de alguns na região, contudo com o abandono da produção, poucos são os exemplos das restantes estruturas industriais remanescente na região (Senhor d'Álem e Cavaco são outros exemplos em estado de ruína). A memória produtiva e a do saber-fazer encontra-se latente neste espaço ao abandono.

Os produtos saídos das fábricas das Devesas, que outrora empregou cerca de seiscentas pessoas, estão presentes quer nas paredes da própria fábrica (muro-mostruário) como nos restantes edifícios sociais da fábrica quer em inúmeros edifícios civis espalhados por Portugal

em especial nas suas áreas centrais da região do Norte e Centro e Lisboa, constituindo os azulejos e as peças decorativas os elementos mais característicos (identidade) e diferenciadores da arquitetura portuguesa comparativamente com a do restante espaço europeu. Os motivos dos azulejos produzidos, apesar de alicerçados na tradição lusa da padronagem do século XVII e influenciados pela produção estrangeira do século XIX, apresentam variedades decorativas novas e únicas no contexto da época, em especial por influírem decisivamente nas unidades mínimas urbanas, os quarteirões.

Em termos sociais a fábrica constitui um dos exemplos da preocupação que os sócios apresentam com os seus empregados. Os edifícios sociais tendem a alterar o paradigma com que os assalariados viviam, quer pela construção de cresce, asilo e habitações para funcionários. Ressalve-se que estas construções não abrangem a maioria dos empregados mas regista-se uma inflexão à corrente dominante.

6. À guisa de conclusões - reflexões sobre critérios para a elaboração de intervenção em património histórico

Estudar os enquadramentos históricos, sociais, culturais e arquitectónicos; identificar; inventariar e recensear são os pontos que qualquer projeto de intervenção deve ter como ponto inicial e ser o referente ao longo do projeto. Há ainda a necessidade de identificar os elementos de valor e esses devem constituir-se marcos de preservação.

O projeto de intervenção no complexo fabril das Devesas deve essencialmente preservar a imagem do conjunto, isto é, ressaltar e recuperar as partes que constituem a memória da fábrica. A fachada principal, e entrada do núcleo norte (Figura 14), assim como o muro-mostruário, fachada núcleo sul (Figura 15), constituem elementos-chave neste conjunto e devem por isso ser mantidos integralmente, devendo-se preservar a sua imagem original. A partir da década de 1880, segundo (Soeiro, 1995: 215), surge uma nova racionalidade: a coerência formal do espaço fabril, submetendo o desenho a uma composição e valorizando o desenho da fachada. Usam-se

componentes neo-românticas no desenho da fachada, apostando num tratamento plástico e emblemático das formas, uma vez que o que estava em causa era a aparência de um elevado *status* económico. Não bastam quatro paredes e um telhado para fazer uma fábrica, acima de tudo, é necessário a fachada, em que se faz a junção de elementos puramente funcionais com uma nova estética urbana. Todas estas fachadas que delimitam o quarteirão norte, juntamente com o muro de exposição, são a identidade da Fábrica de Cerâmica das Devesas e carimbaram a zona das Devesas com a sua imagem de marca (inspirada no estilo neo-árabe).

É importante referir que o programa para o espaço fabril das Devesas deveria ser discutido com a população, receber contribuição de especialistas das áreas da história, cerâmica, arquitetura, bem como contar com a participação dos proprietários e das entidades responsáveis locais (autarquia) e do património (DGC). Contudo dever-se-ia apontar para o local um programa policêntrico assente nas áreas da cerâmica (museu, oficinas, artesanato, conservação e restauro), social (cresce ou outros), serviços (turismo, cafetaria, loja, por exemplo) e áreas de lazer (espaços verdes que estão ausentes na área de implantação).

Já o espaço resultante da demolição dos edifícios centrais de oficinas, que integravam as chaminés, deveria dar lugar a um novo edifício com uma função relacionada com a produção artística de cerâmica, reavivando a memória da produção cerâmica. Seria talvez interessante que o desenho deste novo edifício se inspirasse nos antigos pavilhões, como se de uma nova interpretação se tratasse, e que integrasse os elementos ainda presentes e que servem de testemunho da sua história, as chaminés, por exemplo. No entanto, não se trata de um restauro, nem de uma reconstrução fiel ao original, dado que a imagem destes pavilhões não é fundamental para o reconhecimento geral da fábrica. A função que desempenharam, como oficinas, terá neste caso mais força e é por este motivo que deve ser reintegrada. Porém, pensa-se que este espaço poderia ter uma dupla função de oficina e museu interativo. O edifício mais a norte, que outrora terá sido depósito para despacho dos caminhos-de-ferro, e que integrava a entrada do ramal ferroviário (1877) para dentro da fábrica, está em melhores condições de conservação. Este edifício poderia dar lugar a ateliers, salas polivalente, espaços de leitura para uso público, por exemplo.

O núcleo sul apresenta apenas o muro mostruário e umas estruturas degradadas que apresentam alguns elementos em betão, ou seja, talvez tenham sido já reconstruídas mais tarde, possivelmente após o incêndio de 1913. Neste caso, seria importante manter o muro mostruário com todos os seus elementos produzidos pela fábrica. Integrar o muro e as chaminés num futuro projeto parece ser o mais sensato no panorama atual.

Esta definição de critérios de intervenção para o caso da Fábrica de Cerâmica das Devesas pretende também ser uma investigação

capaz de sensibilizar e incentivar os interessados a uma atuação ativa no que toca à proteção deste tipo de causas. Os exemplos de ocupação referidos em alguns casos internacionais partiram de atuações pequenas mas eficazes, dado que obtiveram o resultado pretendido: a preservação do património industrial.



Figura 14. Entrada principal da fábrica (fachada sul do núcleo norte).



Figura 15. Panorâmica do muro mostruário da fábrica. Fotomontagem.

Agradecimentos

O terceiro autor conta com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) para os seus estudos (SFRH/BPD/63447/2009).

Bibliografia

CARVALHO, José Veloso Queirós. *A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura - Caso de estudo: LX Factory*. Lisboa: IST UTL, 2009.

DOMINGUES, Ana Margarida Portela. *António Almeida da Costa e a Fábrica de Cerâmica das Devesas. Antecedentes, Fundação e Maturação de um complexo de Artes Industriais (1858-1888)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

DRCN. Inf-800673_DRCB_DRCN_20120702_Classificações, 2012.

GUIMARÃES, Gonçalves. *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Associação Comercial e Industrial, 1997.

Lei n.º 107/2001. D.R. I Série A. 209 (2001-09-08) p. 5808 – 5829.

Mariz, Luís. *Azulejo Semi-Industrial na Arquitetura Civil Portuense*. Aveiro: Universidade de Aveiro; Sítio do Livro, 2014.

QUEIROZ, Francisco; PORTELA, Ana Margarida. *A Fábrica De Cerâmica Das Devesas – Património Industrial Em Risco*. 2004 [consulta: 20.04.2014]. <http://www.queirozportela.com/devesas.htm>

SOEIRO, Teresa; *et al.* A Cerâmica Portuense: evolução empresarial e estruturas edificadas. *In Portugália, nova série*, vol. XVI, 1995. - pp. 203-287.

VELOSO, Cláudia. "A história das cidades termina no século XX e não no século XVIII". Entrevista a Jorge Custódio. *In: Pedra & Cal : revista da conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado*. Ano I – No 4 (Out/Nov/Dez 1999) p. 15-17.